

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 10 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2021

UMA BREVE ANÁLISE DO USO DE ISAÍAS 7.14 POR MATEUS 1.23

A BRIEF ANALYSIS OF THE USE OF ISAIAH 7.14 BY MATTHEW 1.23

Me. Carlos Alberto Bezerra¹

Esp. Gleidson Dejair de Oliveira²

RESUMO

No estudo a respeito do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, o qual tem ganhado cada vez mais espaço no cenário teológico atual, percebe-se que a principal fonte de informação utilizada pelos escritores neotestamentários foi o conteúdo veterotestamentário. Essa atitude trouxe à tona diversas questões sobre o modo como eles interagiram com os escritores veterotestamentários e, de que forma, interpretaram certas porções do seu conteúdo. Levando-se isso em consideração, o presente artigo tem como objetivo analisar os diversos aspectos que estão presentes no uso que Mateus 1.23 faz de Isaías 7.14. Para tanto, a análise inicial consiste em identificar

¹Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Professor da graduação e pós-graduação em Teologia na Faculdade Batista do Cariri. E-mail: carlosabla53@hotmail.com.

²Graduação em Teologia e Especialização em Teologia Bíblica pela Faculdade Batista do Cariri. E-mail: gleidmaster@hotmail.com.

de que forma a passagem do Novo Testamento cita a passagem do Antigo Testamento. Esta primeira abordagem será direcionada e conceitualizada pela intertextualidade, conforme aventada por Beale (2013). O método hermenêutico empregado no arcabouço geral da pesquisa terá como seu principal proponente, G. K. Beale (2014). Já o método exegético presente no decorrer da pesquisa se valerá de uma mescla entre as considerações de Stuart e Fee (2008) e as de G. K. Beale (2013) em seus respectivos manuais.

Palavras-chave: Intertextualidade. Isaías. Mateus.

ABSTRACT

In the study of the use of the Old Testament in the New Testament, which has gained significant space in the theological scene in recent years, it's possible to realize that the Old Testament was the main source of theological content for the writers of the New Testament. This attitude raised several questions about how they interacted with Old Testament and how they interpreted certain portions of its content. Taking this into account, this article aims to analyze the different facets of Isaiah 7.14 in Matthew 1.23. The initial analysis seeks to identify how the New Testament quotes the Old Testament passage. This first approach will be guided and conceptualized by intertextuality, as suggested by Beale (2013). The main method used in the general research framework will have as its main proponent, G. K. Beale (2014). The exegetical method employed in the course of the research, on the other hand, combined the considerations of Stuart and Fee (2008) and those of G. K. Beale (2013) in their respective manuals.

Keywords: Intertextuality. Isaiah. Matthew.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a Bíblia tem sido interpretada por toda sorte de pessoas e grupos com diferentes interesses e formas de pensar. No entanto, a possibilidade de entendermos com clareza os mais diversos ensinamentos bíblicos não é o mesmo que dizer que podemos ter uma compreensão exaustiva de todo o seu conteúdo.

Lopes³ destaca que, por conta disso, não há como negar que a

³ LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 29.

interpretação bíblica envolve grandes desafios. Especialmente ao considerarmos que estamos lidando com um livro de caráter tão singular. Esta singularidade pode ser observada, especialmente, através do fato de ser a Bíblia um livro constituído de duas naturezas consonantes, a saber, uma natureza humana e outra divina. Osborne⁴ entende que, por esta razão, há uma certa distância entre ela e o intérprete que precisa ser transposta, a fim de que o conteúdo da mensagem bíblica possa ser alcançado. Se isso por si só já se constitui um grande desafio para os intérpretes da atualidade, tal desafio é ainda mais acentuado ao nos depararmos com os escritores neotestamentários interpretando os escritores veterotestamentários.

Talvez o texto de Mateus 1.23 seja uma das passagens mais emblemáticas a esse respeito dentre os muitos textos utilizados por Mateus para se reportar ao Antigo Testamento. Nesta passagem, o evangelista faz uso de Isaías 7.14 como argumentação em defesa do nascimento sobrenatural de Jesus. Ao fazer tal uso, Mateus está claramente atribuindo um acentuado grau de inspiração ao texto veterotestamentário. Contudo, a menção que ele faz ao conteúdo do profeta Isaías aponta para um provável uso da Septuaginta. A preferência de Mateus pela LXX⁵ ao invés do Texto Massorético⁶, em dados momentos, levanta indagações sobre as razões por trás disso.

Dadas as circunstâncias apresentadas acima, apenas o estudo detalhado, ainda que não exaustivo de ambos os textos, será capaz de avultar as respostas que as indagações demandam. Em virtude disso, a presente pesquisa se propõe a desenvolver uma análise do uso que Mateus 1.23 faz de Isaías 7.14, procurando identificar de que forma e com que propósito o autor expôs o conteúdo tencionado por Isaías.

1. O USO DO ANTIGO NO NOVO SEGUNDO G. K. BEALE

Segundo Osborne⁷, praticamente todos os livros que compõem o Novo Testamento⁸ trazem em seu escopo alguma menção direta ou indireta ao texto

⁴ OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 425.

⁵ BIBLIA, **Septuaginta**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

⁶ ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (edit.). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1967-1977.

⁷ OSBORNE, 2009, p. 412.

⁸ Para fins de praticidade, serão adotadas as siglas AT e NT quando nos remetermos ao Antigo

do Antigo Testamento⁹. Isso mostra, entre outras coisas, que os primeiros cristãos dependeram, essencialmente, do AT para formular boa parte do seu próprio conteúdo. Essa atitude por parte dos escritores neotestamentários trouxe à tona diversas questões sobre o modo como eles interagiam com os escritores veterotestamentários e, de que forma, interpretaram certas porções do seu conteúdo.

A fim de compreender melhor como se dá o uso de uma passagem do AT pelos escritores do NT, é importante deliberar sobre o conjunto de relações e interações dialógicas que se estabelece de um texto usado em um outro contexto. Por conseguinte, ambos os textos, respectivamente, se referem tanto à fonte original quanto à nova situação. Entende-se por este fenômeno, o que atualmente é classificado como *intertextualidade*.

Esse termo foi cunhado inicialmente dentro da área dos estudos linguísticos, no final da década de sessenta, por Julia Kristeva.¹⁰ Só posteriormente, no final da década de oitenta, é que o termo passou a circular por entre os corredores das escolas de estudo bíblico teológico,¹¹ tornando-se um instrumento indispensável ao estudo do uso do AT no NT, conforme Osborne.¹²

Bruce Waltke¹³ acrescenta ainda que as repetições sutis de um texto presentes em outro texto, pressupõem ligações de temas e ideias que, dadas as suas complexidades, atestam que a Bíblia, em ambos os testamentos, possui uma unidade claramente perceptível. Tem-se, portanto, que o fenômeno da intertextualidade pode auxiliar na identificação de temas e ideias que correm como fio condutor ao longo de toda a Escritura.

Mas quais critérios usar para delimitar, até que ponto, o autor neotestamentário foi “fiel” ao contexto do AT ao fazer uso dele? Faz-se

Testamento e ao Novo Testamento, respectivamente.

⁹ Apenas as cartas de Filemom e 1 e 2 João não fazem menções claras ao Antigo Testamento.

¹⁰ Para um estudo mais aprofundado na área, ver KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. 2.ed. São Paulo: Perspectivas, 2005.

¹¹ MOYISE, Steve. Intertextuality and biblical studies: a review. **VERBUM ECCLESIA JRG** 23 (2002) 418-431, chama atenção para a fecundidade que o estudo da intertextualidade alcançou dentro dos estudos bíblicos sobre o uso do AT no NT. Para tanto, ele destaca cinco “tipos” de intertextualidade usados atualmente nos estudos bíblicos, são eles: 1) intertextual echo; 2) narrative intertextuality; 3) exegetical intertextuality; 4) dialogical intertextuality; e 5) postmodern intertextuality.

¹² OSBORNE, 2009. p. 423.

¹³ WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**: uma abordagem exegética, canônica e temática. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 146.

necessário identificar quais passagens do NT *citam ou aludem*¹⁴ ao AT, e de que modo tais citações ou alusões foram realizadas.

De acordo com Beale,¹⁵ entende-se a “reprodução direta de uma passagem do AT facilmente identificável por seu paralelismo vocabular claro e bem característico”. Em sua maioria, as citações são iniciadas por fórmulas como: “para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta” (Mt 1.22). Ainda que outras passagens não iniciem com tais fórmulas, as citações traçam paralelos obviamente perceptíveis com algum texto do AT. Contudo, nem sempre é fácil saber quando há uma citação direta, sem alterações do AT grego ou hebraico, posto que não há consenso sobre quando uma tradução grega é “literal” ou não.¹⁶

Com respeito às alusões, elas podem ser entendidas “como uma expressão breve deliberadamente pretendida pelo autor para ser dependente de uma passagem do AT”.¹⁷ Em contraste com as citações, que são referências diretas, as alusões são referências indiretas ao conteúdo do AT.

Ademais, o debate acerca do uso do AT no NT não se restringe apenas às questões concernentes aos critérios que delimitam até que ponto os autores neotestamentários foram “fiéis” ao citar ou aludir textos veterotestamentários. Pode-se dizer que o principal debate discute se o Novo Testamento interpreta o Antigo Testamento respeitando harmoniosamente o seu sentido original ou não. Segundo Lunde,¹⁸ isso acontece porque algumas das passagens do AT que se cumprem no NT não se parecem com profecias em seus contextos originais. Já outras passagens que parecem ser proféticas, às vezes, dão a entender terem sido cumpridas em eventos ou pessoas que viveram antes do surgimento da pessoa de Jesus Cristo.

Tratando a esse respeito, Beale defende a ideia de que “o conhecimento

¹⁴ Vale ressaltar que entre os estudiosos da questão não existe consenso sobre se há ou não a necessidade de uma terceira forma de classificação conhecida como eco. Isso por conta da dificuldade de se desenvolver critérios sólidos no processo de sua identificação. De modo que, alguns classificam em dois grupos apenas: citação e alusão/eco, enquanto que outros classificam em três grupos: citação, alusão e eco.

¹⁵ BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**: exegese e interpretação. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 53.

¹⁶ BEALE, 2013, p. 53-54

¹⁷ BEALE, 2013, p. 55.

¹⁸ LUNDE, Jonathan. An introduction to central questions in the New Testament use of the Old Testament. In: BERDING, Kenneth. **Three views on the New Testament use of the Old Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 2009, p. 8-9.

dos autores do AT a respeito do assunto sobre o qual discursavam ia além do significado explícito expresso pontualmente sobre aquele assunto. Sua intenção explícita, nesse caso, caminhava de braços dados com uma compreensão implícita mais abrangente”.¹⁹

Para tanto, o autor desenvolve aquilo que chama de *visão periférica cognitiva dos autores bíblicos*. De início, a ideia de visão periférica é análoga à compreensão biológica do próprio olhar humano. Deste modo, ele entende a visão periférica como a capacidade de perceber objetos fora do foco central do olhar, ou seja, objetos que estão mais afastados, em volta. Segundo Beale,²⁰ “do mesmo modo, os objetos do nosso foco de significado central se relacionam com outros objetos que se encontram no campo mais amplo da nossa visão periférica cognitiva”. O autor acredita que o significado direto é interpretado à luz do significado mais amplo ou periférico, visto que isso faz parte do campo único de significado.

Beale desenvolve esse conceito com base em outras duas teorias, a saber: o conceito de “tipo pretendido” de E. D. Hirsch²¹ e a noção de conhecimento tácito ou secundário, conforme Michael Polanyi. A primeira teoria diz que toda referência explícita específica faz parte de um todo maior, ainda que nem todos os seus componentes estejam explicitamente em foco. Tais significados implícitos, chamados pelo autor de “conotações”, fazem parte do tipo pretendido do significado verbal explícito.²²

Estas conotações do significado explícito cabem dentro da estrutura maior daquilo que era pretendido pelo autor, ainda que não sejam explicitamente comunicadas por ele. Acerca disso, Beale²³ conclui dizendo que “o fato de o significado verbal pressupor certo contorno para ser comunicável não exclui o significado subconsciente. É preciso que o significado secundário se inscreva dentro de um contorno que determina o significado verbal em foco”. O autor se apropria desse conceito como *orientação* para apurar quais significados implícitos podem ser inseridos no significado verbal pleno.

¹⁹ BEALE, G. K. **O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações hermenêuticas**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 11-12.

²⁰ BEALE, 2014, p. 14.

²¹ Para uma compreensão mais abrangente do conceito, verificar HIRSCH, E. D. **Validity in Interpretation**. New Haven: Yale University Press, 1987.

²² BEALE, 2014, p. 17.

²³ BEALE, 2014, p. 18-20.

A segunda teoria sobre a qual Beale desenvolve o seu conceito de visão periférica cognitiva dos autores bíblicos é o conhecimento tácito ou secundário, proposto por Michael Polanyi. De acordo com Polanyi,²⁴ o conhecimento segue dois aspectos, o tácito e o explícito, os quais são usados simultaneamente no foco da consciência.

Beale esclarece que “em qualquer ação ou ato de conhecimento, o sujeito está tacitamente consciente de uma coisa que é necessária para a execução de outra coisa, o foco da nossa consciência”.²⁵ Além disso, é importante destacar que Polanyi não entende a consciência tácita como uma percepção “inconsciente” contrastante com a consciência explícita focal; ambas estão intimamente ligadas conscientemente.

Além do significado explícito do texto citado e abordado pelo escritor neotestamentário, o significado implícito contextual pode incluir ideias do contexto imediato ou próximo do AT. Beale²⁶ acredita que os autores neotestamentários atentavam para o texto do AT e suas particularidades e discerniam determinadas estruturas literárias nos versos que o compunham, então citavam uma pequena porção deles como foco explícito de seu argumento no contexto do NT, interpretando-o à luz da estrutura global. Contudo, uma vez que os intérpretes contemporâneos passam a entender essa estrutura mais ampla, eles compreendem melhor como o texto citado faz todo o sentido tanto no seu contexto inicial quanto no seu contexto secundário.

Beale²⁷ conclui dizendo que sem essa visão, o intérprete pode atribuir ao uso do AT no NT uma interpretação errônea. A razão para tanto é que tais intérpretes, ainda que tentem permanecer fiéis as Escrituras inspiradas, cortam as ligações intencionais e orgânicas entre o texto do AT e do NT, incorrendo, desta forma, em falhas interpretativas.

2. ANÁLISE DE ISAÍAS 7.14

Passando à análise de Isaías, é importante considerar que o contexto histórico em Isaías está intimamente ligado à sua teologia, sendo impossível dissociar uma coisa da outra. Acerca disso, Merrill entende que não seria possível reconstruir em detalhes o padrão histórico por trás do livro de Isaías,

²⁴ POLANYI, Michael. **The tacit dimension**. Garden City: Doubleday & Company, 1966, p. 10.

²⁵ BEALE, 2014, p. 22.

²⁶ BEALE, 2014, p. 28-29.

²⁷ BEALE, 2014, p. 67.

e que “a forma geral com que ele apresenta seus vaticínios parece seguir um curso cronológico ordeiro, mas há muitas passagens que estão ligadas apenas por tópicos ou por conteúdo teológico, em vez de por ordem cronológica”.²⁸

De modo pontual, o segundo período, onde é narrado texto a ser abordado, ocorreu no início do reinado de Acáz (732 a.C.) e abarcou todo o desenrolar da guerra siro-efraimita. Esse período é marcado pelo crescente desenvolvimento da Assíria que veio a se tornar uma grande ameaça à Judá, deixando-a diante da difícil decisão de se submeter a ela ou não. Além disso, havia também a constante ameaça do reino do Norte que ajudou a pressionar Judá a procurar pelo auxílio assírio, em detrimento do divino.²⁹

O livro do profeta Isaías também procura enfatizar Yahweh como a única fonte de esperança e salvação para a nação de Israel. Durante todo o seu ministério profético, Isaías encorajou os reis a não depositarem suas expectativas sobre a ajuda vinda de outras nações ou mesmo de outros deuses. Contudo, a total incapacidade de Israel de se voltar para os padrões divinos possibilitou a manifestação escatológica do *servo*, que é a personificação do que a nação de Israel deveria ter sido. Através dele o Senhor concretizaria juízo e libertação definitivos para o seu povo que estava sendo ameaçado.

Oswalt³⁰ destaca que Isaías viu neste elemento de ameaça à dinastia davídica, uma oportunidade para que a nação judaica, a começar pelo seu representante maior, se voltasse para Deus. Não obstante, Acáz recusou o chamado de Isaías a fé genuína e preferiu confiar no poder da Assíria para lidar com a ameaça vinda dos seus irmãos do Norte (2Rs 16.5-9).

E é justamente neste contexto que as palavras de Isaías no capítulo 7 acerca de um sinal trazido por um infante especial fazem todo sentido, tendo em mente a promessa outrora feita por Deus a Davi, de que sua “casa” permaneceria para sempre (2 Sm 7). Portanto, Isaías tece um contraste agudo entre o fracasso da dinastia davídica e o rei santo e divino da mesma descendência nos capítulos 7-12, mostrando a interferência deste infante no curso da história.

A despeito do contexto teológico, Oswalt³¹ entende que o modo como

²⁸ MERRILL, Eugene H. **História de Israel**: o reino de sacerdotes que Deus colocou entre as nações. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 449.

²⁹ OSWALT, John N. **Comentário do Antigo Testamento: Isaías**. Vol. 01. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 22-23.

³⁰ OSWALT, 2011, p. 23-24.

³¹ OSWALT, 2011, p. 53.

Isaías foi organizado diz muito sobre os diversos aspectos teológicos que ele desenvolve ao longo de sua obra. Em relação aos reinos da terra, Motyer³² aventura que Deus se apresenta como o soberano Senhor; como aquele que se coloca em um patamar completamente austero e elevado, acima de tudo e de todos. Apesar de sua superior majestade e santidade, o alto e sublime Senhor não é indiferente no trato relacional com o seu povo. Na verdade, embora houvesse tantas circunstâncias adversas, Deus se mostra intrinsecamente imanente na forma de se relacionar.³³

Entrementes, Lasor,³⁴ destaca que há uma tendência que se desenvolve em todo o livro de alternância entre os fatos vividos por Isaías no presente e aqueles ainda a serem revelados no futuro imediato ou distante. Com singular destaque para a sessão 7-12 em que é narrada a promessa de um rei da linhagem davídica diferente de todos os outros que vieram antes dele.

Hill³⁵ também ressalta que o propósito desses capítulos é demonstrar que apesar da recusa de Acáz em se voltar para Deus, a sua falha não anularia a aliança que o Senhor havia estabelecido outrora, visto que em fidelidade a sua própria palavra, ele ainda pretendia trazer o reino prometido a Israel e Judá após aquele período de julgamento.

Nos capítulos 40-55, Lasor³⁶ pontua que a tenção entre julgamento e esperança continua. O intento principal desses capítulos é anunciar o término da punição divina (40.1-2); a intervenção divina em favor daqueles que foram para o exílio (40.3-5); e a promessa de redenção que, segundo a palavra divina, cumpre o seu propósito (40.6-8).

Nesse ponto, Averbek³⁷ compreende que a descrição do servo que aparece no capítulo 53 assume preeminência sobre todos os outros. O “servo sofredor” de Isaías 53³⁸ não apenas sofreria sacrificialmente, mas também seria exaltado

³² MOTYER, J. Alec. **O comentário de Isaías**. São Paulo: Shedd, 2016, p. 47.

³³ OSWALT, 2011, p. 53

³⁴ LASOR, William Sanford. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 331.

³⁵ HILL, Andrew E. **Panorama do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2007, p. 463.

³⁶ LASOR, 2002, p. 320.

³⁷ AVERBECK, Richard E. Interpretações cristãs de Isaías 53. In: BOCK, Darrell L (Org.). **O Servo Sofredor**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

³⁸ O livro, *O Servo Sofredor*, organizado por Darrell L. Bock, é uma obra em português muito completas acerca de Isaías 53. Nela, diversos escritores renomados como Walter Kaiser Jr., Craig A. Evans, John S. Feinberg e outros, tecem comentários precisos sobre a aplicação de Isaías 53 no que concerne a sua interpretação cristã e judaica, como também o seu papel dentro da teologia bíblica e prática como um todo.

como nenhum outro (53.13b).

Oswalt³⁹ concorda que a principal função do servo do Senhor, é a capacidade de efetuar plena libertação. Ele é o único apropriado para servir a Deus adequadamente, de modo que o meio pelo qual ele efetua o livramento prometido é o auto sacrifício substitutivo. Aliás, a sua obra também lança luz sobre a natureza da escravidão da qual o livramento se faz necessário, o qual não era apenas humano, mas sobretudo espiritual.

Partindo para as considerações exegético-teológicas do texto propriamente dito, é preciso dizer que Isaías 7.14 se constitui uma profecia de cumprimento progressivo. Acerca disso, Osborne⁴⁰ afirma que parte das profecias lidam tanto com o contexto presente quanto com o futuro, sendo que as profecias que se relacionam com o futuro imediato geralmente dizem respeito a Israel, a Judá e as nações, a exemplo de Isaías 7.14. Além disso, as profecias futuras têm como principal objetivo a conclamação de toda a nação de volta ao relacionamento com Deus.

É bem verdade que a questão do cumprimento dessas profecias também é alvo de muita discussão. Contudo, nota-se em algumas profecias, especialmente as de teor messiânico, um caráter progressivo em que mais detalhes são adicionados ao cumprimento final da profecia.⁴¹ Mas o que especificamente diz a profecia de Is 7.14? Vejamos na comparação dos textos (versões) a seguir:

לְכוּ יְהוֹ אֲדֹנָי הֵיא לְכֶם אוֹת הַגָּדָה הָעֲלִמָּה תִרְהַ וְיִלְדֶת בֵּן וְקָרְאָת שְׁמוֹ עִמָּנוּ אֵל
(BHS).

διὰ τοῦτο δώσει κύριος αὐτὸς ὑμῖν σημεῖον· ἰδοὺ ἡ παρθένος ἐν γαστρὶ ἔξει καὶ τέξεται υἱόν, καὶ καλέσεις τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἐμμανουὴλ· (LXX).

Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel (ARA).

Percebe-se que a BHS (TM)⁴² acompanha a LXX na primeira frase: “A virgem engravidará e dará à luz um filho”. Já na segunda metade do verso, a

³⁹ OSWALT, 2011, p. 31.

⁴⁰ OSBORNE, 2009, p. 338-340.

⁴¹ Ao invés de falar sobre duplos ou múltiplos cumprimentos, Osborne prefere chamar de *cumprimento análogo* ou *tipológico* (OSBORNE, 2009, p. 338-340).

⁴² Texto Massorético.

BHS (TM) diz: “ela o chamará”,⁴³ enquanto que a LXX traz: “tu o chamarás”. No entanto, a principal dificuldade encontrada na comparação dos materiais gira em torno do uso e da tradução da palavra אַלְמָה (*almâ*) empregado por Isaías, a qual aparece apenas oito vezes em todo o AT (Gn 24.43; Êx 2.8; Sl 68.25; 26; Pv 30.19; Ct 1.3, 6.8; Is 7.14) e que, segundo Vangemeren⁴⁴, tem como significado primário, moça em idade de casar.

Contudo, Rhodea⁴⁵ atenta para o fato de que ao se analisar o modo como ela foi traduzida pela LXX, vê-se uma diferença significativa que traz implicações tanto para o entendimento do próprio texto quanto para sua teologia. Geralmente a LXX traduz *almâ* (moça) como νεάνις (*neânis*) (*jovem mulher*) nos textos de Êx 2.8; Sl 68.25, 26; Cn 1.3; 6.8 para falar de uma moça não casada, mas apenas em Gn 24.43 e Is 7.14 é que ela traduz diferente, usando a palavra παρθένος (*parthénos*) que significa diretamente *virgem*.

Diante dessa variedade de usos, questiona-se qual teria sido a razão por que Isaías escolheu a palavra *almâ* (moça), uma vez que בְּתוּלָה (*bêthuwlah*) seria, aparentemente, mais apropriado para se referir ao caráter virginal dela. Será que o objetivo maior de Isaías era realmente ressaltar a virgindade da moça em questão?

Em resposta a esses questionamentos, é importante que se considere dois fatores cruciais. Em primeiro lugar, Isaías parece optar por *almâ* em 7.14 por uma questão contextual. Isso é sugerido pelo fato de que o assunto abordado por ele na perícopa em questão dá a entender que ele tem em foco a capacidade de geração de filhos por parte de *almâ*. VanGemeren⁴⁶ conclui com relação ao uso que, “aplicado a mulher, [o termo] se refere à expectativa adolescente da maternidade”. Como se percebe, Isaías não está tão preocupado em destacar a condição sexual da mulher, ainda que tal condição esteja subentendida por ele. No seu campo de visão, no entanto, ele foca na capacidade dela de gerar

⁴³ Oswalt defende a ideia de que não era incomum no AT as mulheres darem nomes aos seus filhos, especialmente se a mãe tem um compromisso emocional com a criança, ou se o pai por algum motivo não cumprir com essa tarefa. Ele afirma ainda que “essa ênfase sobre a mãe e a correspondente ausência de ênfase sobre o papel do pai nada pode fazer senão sugerir a formação da interpretação última do sinal. Nenhum homem gerado por um pai humano poderia ser a incorporação de ‘Deus conosco’” (OSWALT, 2011, p. 266).

⁴⁴ VANGEMEREN, Willem A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese**. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 417.

⁴⁵ RHODEA, Greg. Did Matthew conceive a virgin? Isaiah 7.14 and the birth of Jesus. **JETS** 56 (2013), p. 63-77.

⁴⁶ VANGEMEREN, 2011, p. 417.

filhos.

Em segundo lugar, apesar de Isaías focar na capacidade de geração de filhos, o caráter virginal da moça (*'almâ*) é um aspecto secundário que não deve ser descartado, aponta Oswalt.⁴⁷ Motyer⁴⁸ corrobora dizendo que o contexto de Gn 24.34, onde o mesmo termo é usado, pode lançar luz sobre esse ponto. No verso 14, o servo de Abraão se refere a moça usando a palavra נַעֲרָה (*na^crá*) que pode significar menina. Já no verso 16, a abordagem a Rebeca é descrita em termos de mulher ou moça (*na^crá*) solteira (“nenhum homem tivera relação com ela”) com idade para casar (*bêthuwlah*). A vista desses usos, o verso 43 finalmente a descreve como *'almâ*, ou seja, o termo que melhor se poderia empregar para mulher, em idade de casar e solteira. Portanto, em 7.14 Isaías não poderia ter escolhido um termo mais apropriado para descrever aquela moça e o “nascimento virginal” que teria aquela criança.⁴⁹

Some-se a isso o fato de que a Lei era clara sobre a virgindade como pré-requisito para o casamento (Dt 22). Logo, inteirado sobre o que dizia a Lei sobre o assunto, era de se esperar que Isaías tivesse conhecimento de que uma moça em idade para casar deveria ser virgem.⁵⁰

À luz do que afirma Beale⁵¹ sobre a visão periférica cognitiva dos autores bíblicos, pode-se dizer que não seria estranho considerar a possibilidade de Isaías ter em vista a condição de virgindade da mulher como um elemento secundário em sua mente, o qual foi capitado e interpretado pelos tradutores da LXX. Obviamente esta interpretação também justificaria o uso de Isaías 7.14 por Mateus 1.23 aplicando-se à Maria. Contudo, ela não resolveria a dificuldade lexical por trás do uso do termo; se é que tal dificuldade precisaria ser resolvida.

Outro fator que chama atenção nesta passagem que Motyer⁵² destaca, diz respeito à criança que serviria como sinal para o rei Acáz. É sobre ela, na verdade, que se concentra o âmago da profecia. O autor alega que o título נַעֲרָה

⁴⁷ OSWALT, 2011, p. 264.

⁴⁸ MOTYER, 2016, p. 111.

⁴⁹ WALTON, John H. Isa 7:14: what's in a name. *JETS* 30 (1987) 289-306, conclui, a vista de considerações como estas, que não existe uma posição linguística lógica que sugira a tradução virgem para *'almâ*. Ele entende que apenas os métodos hermenêuticos ou considerações teológicas podem levar a questão além do que a análise linguística poderia apoiar. A seu ver, esta seria a posição mais honesta a se tomar diante dos resultados da análise exegética.

⁵⁰ OSWALT, 2011, p. 264.

⁵¹ BEALE, 2014.

⁵² MOTYER, 2016, p. 112.

עִמָּנוּעֵל (*Emanuel*) é um termo singular a Isaías, mas o pensamento em torno dele faz parte da estrutura davídica-messiânica, e que a tradução mais apropriada para o termo é: “*Deus é conosco/Deus está conosco*”.

Na primeira vez que o termo aparece em 7.14, ele está associado apenas a identidade da criança que nasceria à ‘almã (moça)’. A grande questão em debate se detém em saber a que criança a profecia se referia quando se reportou a Emanuel. Contudo, só à luz do contexto maior da passagem (cap. 7-12) é que se pode traçar mais características a seu respeito. Alguns chegam a afirmar que Is 7.14 apenas diz respeito à uma profecia messiânica,⁵³ enquanto outros afirmam que ela se refere ao próprio filho de Acáz.⁵⁴

Oswalt,⁵⁵ argumenta ainda que há todo um mistério por trás da figura do Emanuel. Isso porque não há como identificar seu pai, e sua mãe é descrita apenas em termos gerais. Desse modo, torna-se difícil identificar uma criança com tais características nos tempos de Isaías. Mas aceitar que não havia referência alguma a qualquer menino é muito mais problemático, especialmente por causa da descrição do texto.

A criança precisava nascer em um tempo específico, posto que isto o vincularia à função do sinal que seria dado a Acáz. Neste sentido, Oswalt⁵⁶ argumenta acerca da plausibilidade de Maher-Salal-Has-Baz, o filho de Isaías, e Emanuel serem, até certa medida, a mesma pessoa. Ademais, as referências posteriores ao nascimento dele apoiam esta interpretação.

⁵³ Motyer (2016, p. 112-113) afirmam que “Emanuel não pode ser simplesmente uma criança qualquer. Ademais, alguma criança ‘comum’ poderia se tornar o fundamento da segurança do povo do Senhor contra o ataque das nações (8.10)? Finalmente, é impossível separar esse Emanuel do rei davídico cujo nascimento liberta o seu povo (9.4-7<3-6>) e cujo nome complexo inclui a designação de Deus Poderoso (9.6<5>). Seguindo esses indicadores, temos um sinal que está à altura de sua promessa. O céu e a terra serão verdadeiramente movidos. Isaías previu o nascimento do filho divino de Davi e também estabeleceu a fundação para o entendimento da natureza única de seu nascimento”. A posição de Motyer aqui é amplamente apoiada por Carson (2010) no seu comentário do evangelho de *Mateus*.

⁵⁴ Em KAISER Jr, Walter C. **O plano da promessa de Deus:** teologia bíblica do Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 192, o autor defende essa ideia dizendo que “sua dignidade messiânica exclui totalmente a ideia de que ele pudesse ter sido o filho de Isaías, nascido de alguma jovem recém-casada com o profeta, após a suposta morte da mãe de Sear-Jasube. [...] É preferível entender que o menino fosse um filho do próprio Acáz, cuja mãe, Abi, filha de Zacarias, é mencionada em 2Rs 18.2 – a saber, seu filho Ezequias”. E acrescenta que “somente Ezequias preenche todos os requisitos do texto de Isaías e, ao mesmo tempo, demonstra como este podia ser parte integrante daquela pessoa messiânica que completaria tudo quanto está dito nesta profecia de Emanuel”.

⁵⁵ OSWALT, 2011, p. 266-267.

⁵⁶ OSWALT, 2011, p. 267.

Entretanto, na segunda vez que *Emanuel* aparece (8.8), as suas características depõem que ele não pode ser o filho de Isaías em todas as instâncias, nem ainda algum filho desconhecido de Acáz. Só resta dizer que Isaías tem em mente o messias, em quem residem todas as esperanças, destaca Oswalt.⁵⁷ Percebe-se que à medida que mais informações são reveladas acerca dele (8.8; 9.6-7), a linguagem extrapola a concepção de uma criança meramente humana, aplicando-se em maior medida a um infante com características divinas.

Kaiser⁵⁸ aventava ainda que em Is 9.6, uma série de epítetos são atribuídos a este filho, que seria o ponto final da linhagem de Davi. São eles: “maravilhoso Conselheiro”, “Deus forte”, “Pai da Eternidade”, e “Príncipe da Paz”. Na sua perspectiva, esses epítetos representam, respectivamente, (1) a vitória merecida por seus grandes feitos e perícia na batalha; (2) o conquistador irresistível que traz de volta um remanescente; (3) o domínio paterno do messias, com atributo divino de eternidade; e (4) o eterno reino pacífico do messias.

Por fim, à luz de todo o contexto histórico e da teologia do livro de Isaías, o verso 7.14, bem como a perícopé na qual ele está inserido (7.10-16), harmonizam perfeitamente com a promessa de um messias que asseguraria a perenidade real da promessa feita a Davi em face do grande risco que a ameaçava. Embora Acáz tenha rejeitado o sinal de Deus, ele não seria privado de vê-lo interferindo soberanamente no caos em que as nações de Israel e Judá se encontravam. Deus não deixaria o seu povo desamparado, antes, ele estaria presente junto com o povo como garantia de que a redenção seria plena e eficazmente realizada.

3. ANÁLISE DE MATEUS 1.21

Uma vez aceito o argumento de que os leitores de Mateus eram de origem judaica, Hendriksen⁵⁹ destaca que o evangelista tinha como propósito, “conquistar os judeus para Cristo; ou seja, conquistar aqueles ainda não convertidos e fortalecer aqueles já convertidos”. Mateus assim desejava porque Jesus foi amplamente rejeitado pelo povo judeus.

⁵⁷ OSWALT, 2011, p. 284.

⁵⁸ KAISER, 2011, p. 192.

⁵⁹ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Mateus**. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 145.

De modo mais abrangente, Carson⁶⁰ propõe que Mateus compôs o seu evangelho como o objetivo de demonstrar que Jesus era o messias prometido, o Filho de Davi, o Filho de Deus, o Filho do Homem; que muitos judeus, especialmente os mais religiosos, fracassaram em reconhecê-lo como messias; que o reino messiânico já havia se manifestado na vida, ministério, morte, ressurreição e exaltação de Jesus; que esse reino messiânico é o cumprimento da esperança profética veterotestamentária; que a Igreja, composta de judeus e gentios, constitui o lócus do povo de Deus e o testemunho para o mundo; que no decorrer desta era os discípulos de Jesus devem superar a tentação, suportar a perseguição, testemunhar da verdade do evangelho e viver em submissão à sua vontade.⁶¹

De acordo com os relatos narrados no evangelho de Mateus em relação à passagem em questão, Daniel-Rops⁶² destaca que Jesus nasceu em uma época em que o império romano era o império que predominava como grande potência mundial, e de maneira especial sobre o oriente médio. Para os judeus, não era fácil viver sob a tensão do governo romano e o estabelecimento do governo divino, sobre o qual repousava tanta expectativa.

Se detendo um pouco mais na passagem propriamente dita, é possível perceber que a seção de Mateus 1.18-25 contém as narrativas da primeira infância de Jesus.⁶³ Nesta sessão, Tasker⁶⁴ entende que Mateus parece não se preocupar tanto em narrar os eventos sobre o nascimento de Jesus em seus mínimos detalhes. Seu foco está concentrado em atrair a atenção dos seus leitores para certos aspectos do AT que se cumpriram nele.⁶⁵

Blomberg⁶⁶, por sua vez, chama atenção para o fato de que Mateus narra os

⁶⁰ CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd, 2010, p. 43-44.

⁶¹ Carson também adverte que “o evangelho mostra em alguma extensão o propósito de Mateus na forma como apresenta determinadas informações sobre Jesus. Mas ir muito adiante disso e especificar o(s) tipo(s) de grupo(s) a que Mateus se dirigia, os tipos de problemas que enfrentavam e a própria motivação teológica e psicológica mais profunda do evangelista estaria no limite da especulação” (CARSON, 2010, p. 40).

⁶² DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 65-67.

⁶³ Falo em primeira infância apenas como forma de diferenciar este período daquele referente à sua juventude (Lc 2.12).

⁶⁴ TASKER, R. V. G. **Mateus: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1980, p. 26.

⁶⁵ Não se sabe ao certo até que ponto a expectativa messiânica dos judeus da época de Jesus considerava o nascimento virginal como um fator essencial.

⁶⁶ BLOMBERG, Craig L. In: **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 4.

acontecimentos imediatos ao nascimento sobrenatural de Jesus⁶⁷ com diversas figuras que transportam a mente do leitor judeu de volta aos personagens e eventos descritos no AT, como por exemplo, as matriarcas sem filhos a quem Deus deu a oportunidade de serem mãe (Gn 21.1-7; 30.22-24; 1 Sm 1.20); os anjos (Gn 16.11); e as revelações mediante sonhos (Gn 37; 40; Dn 2). Logo, citações diretas do texto veterotestamentário não são estranhas no material de Mateus, mas ajudam no processo de recuperação do significado pretendido.

Carson⁶⁸ acrescenta ainda que nesta perícopie, Mateus afirma que Maria se encontrava desposada com José, ou prometida em matrimônio solenemente, mas sem ainda ter tido qualquer relação sexual com ele. É necessário ressaltar que no casamento formal, a esposa iria morar com seu marido e apenas nesse momento é que o intercurso sexual era apropriado. O texto afirma que eles eram noivos e o contexto pressupõe que eles ainda eram castos.

Acerca disso, Driscoll⁶⁹ defende que em um sentido mais restrito, tal relação já era o bastante para que eles fossem considerados marido e mulher, ainda que não tivessem tido intercurso sexual. Entretanto, antes que eles tivessem qualquer contato físico, Maria encontrou-se grávida. Segundo Dt 22.23-24, a sentença para infidelidade de uma mulher desposada era a pena de morte. Em meio a esta situação, José planejou deixá-la secretamente, mas um anjo lhe apareceu em sonho e disse que o que nela fora gerado era do Espírito Santo e que o menino deveria ser chamado de Jesus (Yahweh é salvação). A passagem termina dizendo da natureza sobrenatural da concepção virginal daquela criança.

Certamente o aspecto mais relevante destacado por Mateus nesta passagem é a concepção sobrenatural de Jesus em cumprimento à profecia de Isaías 7.14, apoiada pela referência ao nome Emanuel. Diante de tudo o que foi considerado, não há como deixar passar despercebidos diversos pontos de contato tanto com o contexto histórico de Isaías quanto com sua teologia.

⁶⁷ A posição liberal acerca do nascimento de Cristo não será contemplada aqui por fugir do escopo e do propósito a que se propõe esta pesquisa. Contudo, pode-se dizer, brevemente, a esse respeito, segundo as palavras de Erickson (2015, p. 712) ao tratar da posição liberal, que ela o rejeitava como essencial ou insustentável, ou o interpretava de alguma maneira literal. Ele acrescenta ainda que “os liberais ou modernistas tinham a tendência de compreender Deus como presente e operante em todos os lugares. Acreditavam que ele estava em ação realizando seus propósitos por meio da lei natural e de processos cotidianos, e não de maneira direta e singular”.

⁶⁸ CARSON, 2010, p. 99-100.

⁶⁹ DRISCOLL, Mark. **Doutrina:** em que os cristãos devem crer. Niterói: Tempo de Colheita, 2013, p. 215.

A esse respeito, Pinto⁷⁰ destaca que o primeiro bloco do evangelho de Mateus pode ser classificado como o prólogo que trata sobre a origem e o nascimento de Jesus, o Cristo (1.1-2.23). Seu propósito é autenticar as características messiânicas de Jesus que fizeram do seu nascimento um evento tão peculiar. A genealogia presente no capítulo um visa mostrar a descendência especial de Jesus, começando por Davi e Abraão⁷¹ e, como um todo, sugere que a encarnação do messias desde o princípio estava nos planos de Deus e tinha um propósito estabelecido. Embora fosse verdadeiramente o filho de Davi, Jesus era, sobretudo, o Filho de Deus, e cumpria infalivelmente diversas promessas do AT (Mq 5.2 [Mt 2.6]; Os 11.1 [Mt 2.13]; Jr 31.15 [Mt 2.17]; Is 11.1 [Mt 2.23]; Is 40.3 [Mt 3.3]; Is 9.1-2 [Mt 4.14]; e etc.).

Ladd⁷² propõe também que a mensagem de Jesus a respeito do reino dizia que Deus não apenas agiria, mas que estava agindo novamente no presente de um modo redentor na história. Em outras palavras, Deus estava visitando seu povo. Em Jesus, Deus havia tomado a atitude de procurar o pecador, com o propósito de trazer os homens perdidos para a bênção de seu reino.

Uma vez que Jesus não foi recebido como messias, o tema da rejeição continuou a ser desenvolvido quando Jesus assegurou aos seus discípulos que eles enfrentariam forte oposição. Mateus registrou a retomada do ministério de pregação de Jesus aos israelitas para mostrar que o reino messiânico tão aguardado fora rejeitado. Dessa forma, Israel ficou sem desculpa e não poderia alegar ignorância porquanto de sua rejeição ao messias, a tanto esperado.⁷³

Nota-se que a nação estava vivendo uma crise profunda de incredulidade, assim como em outros momentos de sua história, a exemplo da postura do rei Acáz narrada por Isaías. A citação de Is 6.9-10 no contexto da parábola do

⁷⁰ PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 38.

⁷¹ BEALE, G. K. **Teologia Bíblica do Novo Testamento**: a continuidade teológica do Antigo Testamento no Novo. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 339 entende que aqui “Mateus está narrando o registro da nova era, da nova criação, inaugurada pela vinda, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Visto que Mateus relata uma genealogia de Jesus, é provável que a referência a Gênesis 5.1 esteja primariamente no foco e que Jesus esteja sendo retratado com o pincel genealógico de Adão. E assim como Adão criou outras ‘à sua semelhança, conforme sua imagem’ (Gn 5.3), também Cristo criaria. [...] A genealogia de Mateus (1.11-17) também ressoa com alusões aos gentios, indicando de forma discreta que a missão de Jesus se concentra não apenas em Israel, mas também no mundo. A menção de Abraão no início da genealogia de Mateus é muito importante por causa da linha gentílica que percorre ela toda: a referência às quatro mulheres gentias (Tamar, Raabe, Rute e Bate-Seba)”.

⁷² LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 115.

⁷³ PINTO, 2008, p. 44-46.

semeador (13.1-23) tem como objetivo acentuar esse conceito, traçando um ponto de contato entre as duas situações, passada e presente.

Por fim, a última sessão de Mateus discorre sobre a paixão e a ressurreição de Jesus (26.6-28.20). Esta sessão é de longe a mais importante do evangelho de Mateus, pois trata do clímax da rejeição e da exaltação de Jesus como o messias, Filho de Deus e rei de Israel. Os eventos narrados nesta porção intensificam os principais temas até então abordados.

No exercício de sua obra, Jesus se coloca como um servo completamente submisso à vontade de Deus, pois sem qualquer tipo de resistência de sua parte ele é preso, abandonado pelos seus, e levado perante as autoridades judaicas. Além disso, Mateus defende a messianidade de Jesus com base em diversas alusões ao AT. No que diz respeito à sua crucificação e consequente morte, os textos de Sl 22 e Is 53 são os mais aludidos.

Chegando às considerações exegético-teológicas do evangelho de Mateus, pode-se dizer que ele está repleto de menções a textos veterotestamentários. Blomberg⁷⁴ destaca que “cerca de 55 remissões textuais apresentam uma redação com um grau tão grande de semelhança com o texto hebraico, que, em geral, os comentaristas podem assim rotulá-las de ‘citações’”. O texto de Mateus 1.23 é razoavelmente claro em seu contexto específico. O texto diz abertamente que Maria é a virgem a quem o profeta se refere, e Jesus é o seu filho, Emanuel. Vejamos uma comparação das versões abaixo:

לְכוּ: הֵן אֲדַבְּרֵי הוּא לְכֵם אֹת הַנְּהַה הָעֲלִמָה הָרָה יִלְדֶת בֵּן וְקָרָאת שְׁמוֹ עִמָּנוּ אֵל:
(BHS)

διὰ τοῦτο δώσει κύριος αὐτὸς ὑμῖν σημεῖον· ἰδοὺ ἡ παρθένος ἐν γαστρὶ ἔξει καὶ τέξεται υἱόν, καὶ καλέσεις τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἐμμανουήλ· (LXX).

Ἴδοὺ ἡ παρθένος ἐν γαστρὶ ἔξει καὶ τέξεται υἱόν, καὶ καλέσουσιν τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἐμμανουήλ, ὃ ἔστιν μεθερμηνευόμενον Μεθ' ἡμῶν ὁ θεός (NA²⁷).

Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco) (ARA).

⁷⁴ BLOMBERG, 2014, p. 1.

Como se observa acima, a NA²⁷ acompanha a LXX e a BHS (TM) na primeira parte do verso (com exceção à tradução da palavra *‘almâ*) que diz: “A virgem engravidará e dará à luz um filho”. Contudo, na segunda metade do verso, a NA²⁷ traduz: “a quem chamarão”; a LXX traduz como: “tu o chamarás” e a BHS (TM): “ela o chamará”; a ARA, por sua vez, traduz usando a voz passiva do verbo, ficando: “ele será chamado”.⁷⁵

Beale⁷⁶ fornece uma hipótese que pode esclarecer a mudança que ocorre entre as três primeiras versões (NA, LXX e BHS). Com relação à NA²⁷, ele afirma que talvez “a redação pode refletir uma forma do grego com influência semítica, em que a terceira pessoa do plural equivale mais ou menos à forma passiva, algo como ‘seu nome será chamado’[...]”. Ele acrescenta ainda que o “eles”, subentendido no verbo *chamarão*, é uma referência muito clara ao povo cujos pecados Jesus haveria de perdoar (1.21); talvez seja ainda mais provável que a mudança seja uma paráfrase de Mateus, com o objetivo de adequar a situação ao novo contexto.

Vê-se que na análise de Isaías 7.14, a LXX traduz *‘almâ* (*moça em idade de casar*) da BHS (TM) como *parthénos* (*virgem*), ao invés de traduzir por *neânis* (*jovem mulher*) que seria, supostamente, mais apropriado. O que chama atenção, no entanto, é que a NA²⁷ acompanha o texto da LXX, traduzindo *‘almâ* como *parthénos*. Nota-se com isso que Mateus parece acompanhar e referendar a tradução da LXX.⁷⁷

Além disso, Beale⁷⁸ afirma que não existe qualquer texto judaico comprovadamente pré-cristão que tenha se proposto a interpretar Is 7.14. De modo que o máximo que se pode inferir das informações até agora descobertas acerca desse período é que a tradução que a LXX faz de *‘almâ* por *parthénos* pode sugerir que pelo menos alguns judeus haviam feito a associação entre as passagens de Is 7-9, chegando ao entendimento de que haveria mais um cumprimento a longo prazo para a concepção sobrenatural do rei messiânico.

Volta-se, portanto, a questão inicial abordada no primeiro capítulo dessa

⁷⁵ A versão ACF (Almeida Corrigida Fiel) se aproxima do texto da NA²⁷, traduzindo na terceira pessoa do plural como: “e chamá-lo-ão”.

⁷⁶ BEALE, 2014, p. 5.

⁷⁷ Carson (2010) diz que os comentaristas divergem sobre qual teria sido a fonte utilizada por Mateus quando ele cita o AT. Por esta razão, nem sempre é possível dizer em qual passagem Mateus está usando uma forma de texto conhecida em sua época (Marcos, Pergaminhos do Mar Morto, LXX) e em qual está fornecendo sua própria tradução.

⁷⁸ BEALE, 2014, p. 5.

pesquisa: de que forma Mateus fez uso do Antigo Testamento?

Carson⁷⁹ chama atenção para o fato de que no verso 1.22,⁸⁰ Mateus usa uma fórmula específica de cumprimento, como demonstra o verbo no perfeito *γέγονεν* (*gégonen*) (*aconteceu*) acompanhado da última sessão que diz: “A palavra falada *pelo* senhor *por intermédio* do profeta”⁸¹; ele assim o faz para mostrar que não está simplesmente tirando textos do contexto do AT porque precisa encontrar um profecia que possa gerar um cumprimento adequado, antes, ele encontra no AT não só predições concernentes ao messias como também considera a história e o povo do AT como paradigmas que apontam para o messias.

A profecia de Isaías 7.14 que é atribuída a Jesus em Mateus 1.23 tem caráter claramente progressivo, visto que se cumpriu provisoriamente nos tempos de Isaías e cabalmente no nascimento de Jesus. A virgem a quem Isaías se refere, bem como Emanuel, encontram seu cumprimento último em Maria e Jesus. Mateus não apenas demonstra ter consciência disso, como também avulta que esta intenção era compartilhada tanto por Deus quanto pelo profeta. Isso fica claro especialmente a partir do contexto da expectativa messiânica em ambos os textos.

Considerando o que foi dito anteriormente acerca da *visão periférica cognitiva dos autores bíblicos proposta* por Beale⁸², pode-se dizer que Mateus compreendeu, assim como os tradutores da LXX, que Isaías não apenas estava se referindo ao nascimento do messias chamado de Emanuel, como também que o seu nascimento seria sobrenatural.

Portanto, fica nítido que o principal objetivo doutrinário de Mateus por trás da citação é cristológico, ainda que toque em outras doutrinas importantes como a soteriologia e a hamartiologia. Jesus é descrito pelo evangelista tanto como o rei messiânico concebido de uma virgem, quanto como a encarnação da presença divina no meio de seu povo. Dessa forma, o nascimento virginal de Jesus tinha como um de seus objetivos mostrar que a profecia de Isaías 7.14 havia se cumprido cabalmente, visto que ele era um dos aspectos de cumprimento tencionados pelo profeta Isaías quando se reportou a Emanuel,

⁷⁹ CARSON, 2010, p. 103.

⁸⁰ Τοῦτο δὲ ὅλον γέγονεν ἵνα πληρωθῇ τὸ ῥηθὲν ὑπὸ κυρίου διὰ τοῦ προφήτου λέγοντος (NA²⁷).

⁸¹ As preposições *ὑπὸ* (*hypó*) e *διὰ* (*diá*) distinguem o agente mediato e o agente intermediador.

⁸² BEALE, 2013.

conclui Erickson.⁸³

O autor ressalta ainda alguns aspectos importância do nascimento virginal de Jesus. Em primeiro lugar, ele observa que o nascimento virginal é um lembrete de que a salvação tem caráter sobrenatural, e que mesmo tendo vindo por meio da humanidade, ela é totalmente divina. Em segundo lugar, o nascimento virginal é um lembrete de que a salvação de Deus é totalmente de graça. A salvação não é nem de longe uma realização humana, porém um presente divino. Em terceiro lugar, o nascimento virginal é uma evidência da singularidade de Jesus, o Salvador. Nenhum outro nascimento na história foi tão extraordinário quanto o dele. Por fim, e em quarto lugar, o nascimento virginal prova que Deus é todo poderoso, capaz de suplantar o padrão da natureza para alcançar os seus propósitos. O fato dele realizar aquilo que era aparentemente impossível em relação ao nascimento virginal, representa a sua capacidade de realizar a tarefa aparentemente impossível de outorgar um novo nascimento aos pecadores.⁸⁴

Destaca-se ainda que é na figura de Jesus que a extrapolação da linguagem utilizada por Isaías para se referir a Emanuel encontra o seu referente último. Jesus é aquele que preenche todos os pré-requisitos concernentes, exclusivamente, à figura messiânica. Do mesmo modo como o Senhor foi rejeitado por Acáz e pelo povo, Jesus também foi rejeitado pelos judeus.

O relato de Mateus 1 mostra que Jesus se tornou a expressão exata da presença e intervenção de Deus na história da redenção de seu povo. O servo sofredor descrito em Isaías 53 cumpriu o objetivo narrado no verso 21, o qual era salvar o seu povo dos pecados deles. O fato é que os judeus verdadeiramente esperavam que Deus os socorresse por meio do seu rei messiânico. No entanto, quando Deus finalmente o enviou, eles o rejeitaram de tal forma que o levaram à morte. Contudo, a própria morte ocupava seu lugar no plano de salvação tencionado por Deus.

O evangelho de Mateus deixa claro que foi através de sua morte substitutiva e voluntária que Jesus realizou a obra de redenção. Uma vez tendo sido rejeitada a oferta oferecida de salvação oferecida por Cristo, ela foi aceita por aqueles que não eram povo seu. Depois de ter ressuscitado dentre os mortos, Jesus constituiu, de entre todos os povos da terra, um povo que fosse

⁸³ HERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 724

⁸⁴ ERICKSON, 2015, p. 727.

exclusivamente seu, ecoando, assim, a mesma intenção presente no livro do profeta Isaías.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou o uso que Mateus 1.23 fez de Isaías 7.14. Para tanto, o método hermenêutico empregado na apreciação do texto em busca de seu significado foi a visão periférica cognitiva dos autores bíblicos proposta por G. K. Beale (2014). Esse método defende a ideia de que o conhecimento que os autores do AT tinham sobre determinado assunto que falavam, ia além do significado explícito expresso a respeito daquele mesmo assunto.

Em um segundo momento, a pesquisa procurou entender o livro de Isaías e o verso 7.14 a partir dos seus contextos histórico, teológico e exegético. A análise desses contextos foi responsável por estabelecer uma visão panorâmica a despeito do ambiente em que Isaías estava inserido, e de como os eventos vividos por ele foram enxergados à luz da perspectiva teológica.

Em um terceiro momento, foi realizado o estudo do evangelho de Mateus como um todo e do verso 1.23 em particular. A análise histórica mostrou diversas semelhanças entre as situações vividas pelos escritores e pelos demais personagens que compunham a narrativa. Assim como Isaías defende a ideia de que a salvação e libertação do seu povo se daria exclusivamente por meio da ação soberana de Deus no envio do seu messias, Mateus também argumenta que Jesus era, de fato, o messias prometido. Vale salientar também que apesar das dificuldades envolvendo certas questões lexicais, vê-se que Mateus não desprezou nem o conteúdo nem as intenções de Isaías a despeito daquilo que o profeta registrou em seu livro.

Entende-se, portanto, que Mateus 1.23 fez uso legítimo do texto de Isaías 7.14 quando o citou. Este uso se mostrou autêntico mediante o escrutínio do texto em seus aspectos histórico, teológico e exegético, ressaltados acima.

REFERÊNCIAS

ALAND, K.; ALAND, B.; KARAVIDOPOULOS, J.; MARTINI, C. M.; METZGER, B. M. **Novum Testamentum Graece** (27th Edition). Stuttgart: Deutsche Biblegesellschaft, 2012.

AVERBECK, Richard E. **Interpretações cristãs de Isaías 53**. In: BOCK, Darrell L. (Org.). O Servo Sofredor. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

BEALE, G. K. (org.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BEALE, G. K. (org.). **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BEALE, G. K. (org.). **O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações hermenêuticas**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BEALE, G. K. (org.). **Teologia bíblica do Novo Testamento: a continuidade teológica do Antigo Testamento no Novo**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

BERDING, Kenneth (Org.). **Three views on the New Testament use of the Old Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 2008.

BLUMBERG, Craig L. In: **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brail. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA. **Septuaginta**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

CARSON, D. A. (et al). **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CARSON, D. A. (et al). **O comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd, 2010.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DRISCOLL, Mark. **Doutrina: em que os cristãos devem crer**. Niterói: Tempo de Colheita, 2013.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (edit.). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1967-1977.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Manual de exegese bíblica**. São Paulo:

Vida Nova, 2008.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Mateus.** Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

HILL, Andrew E. **Panorama do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida, 2007.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida, 2005.

KAISER Jr, Walter C. **O plano da promessa de Deus: teologia bíblica do Antigo e Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2011.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise.** 2.ed. São Paulo: Perspectivas, 2005.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2003.

LASOR, William Sanford. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2002.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes.** São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LUNDE, Jonathan. **An introduction to central questions in the New Testament use of the Old Testament.** In: BERDING, Kenneth. Three views on the New Testament use of the Old Testament. Grand Rapids: Zondervan, 2009.

MERRILL, Eugene H. **História de Israel: o reino de sacerdotes que Deus colocou entre as nações.** Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

MERRILL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Shedd, 2009.

MOYISE, Steve. **Intertextuality and biblical studies: a review.** VERBUM

ECCLESIA JRG 23 (2002) 418-431.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2009.

OSWALT, John N. **Comentário do Antigo Testamento: Isaías.** Vol. 01. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

OSWALT, John N. **Comentário do Antigo Testamento: Isaías.** Vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2008.

POLANYI, Michael. **The tacit dimension.** Garden City: Doubleday & Company, 1966.

RIDDERBOS, J. **Isaías: introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, 1986.

RHODEA, Greg. **Did Matthew conceive a virgin?** Isaiah 7.14 and the birth of Jesus. JETS 56 (2013) 63-77.

TASKER, R. V. G. **Mateus: introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1980.

VANGEMEREN, Willem A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese.** Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

VANGEMEREN, Willem A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese.** Vol. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática.** São Paulo: Vida Nova, 2015.

WALTON, John H. **Isa 7:14: what's in a name.** JETS 30 (1987) 289-306.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons

Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional